

SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: TEMA TRANSVERSAL

Ednaldo Gomes de Jesus*

José Marcos Nascimento Magalhães* *

Resumo

O estudo sobre a sexualidade na adolescência vem sendo trabalhado nas escolas a partir da implementação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – Lei nº. 9.394/1996 e, dos Parâmetros Curriculares Nacionais, por meio dos temas transversais. O presente artigo sobre sexualidade na adolescência: tema transversal, objetiva mostrar que a educação sexual nas escolas ainda é caminho significativo para levar informações adequadas e corretas às crianças e adolescentes que iniciam sua vida sexual cada vez mais cedo causando preocupações diversas e conflitos nos pais que, muitas vezes, não conseguem dialogar com seus (suas) filhos (as). A metodologia utilizada consistiu em uma revisão de literatura perpassando por autores como AQUINO (1997); FURLANI (2003); DESIDÉRIO (2010); MARTINEZ (1998) entre outros, além dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) e Lei de Diretrizes e Bases (1996). Considerou-se que o estudo da sexualidade na escola é um componente primordial para formar cidadãos conscientes, críticos e responsáveis abrangendo cunho individual e social. A orientação sexual foi incorporada nos currículos escolares tendo em vista que os adolescentes necessitam de uma atenção especial em relação a uma orientação sobre sua vida sexual. Os PCNs. pretenderam constituir uma proposta flexível de conteúdos para orientar a estrutura curricular de todo o sistema educacional, fornecendo subsídios às escolas na construção do planejamento curricular a partir das distintas realidades sociais. Esse tema, (orientação sexual) tem como eixo central a educação para a cidadania e não se constituem em novas disciplinas, mas devem abranger todas as áreas do conhecimento, tanto dentro da programação diária da escola, como fora dela.

Palavras-chave: Sexualidade, adolescência, saúde e tema transversal.

* Acadêmico do 7º período do Curso de Pedagogia da Faculdade Presidente Antônio Carlos de Teófilo Otoni – FUPACTO. e-mail: ednaldogomes.j@hotmail.com **Mestre. Orientador. Professor da disciplina de Matemática do curso de Pedagogia da FUPAC-TO. - e-mail: jmarcosmagalhaes@uol.com.br

ABSTRACT

The studying of teenager's sexuality is been seen at schools since of implementation of Brazilian Education Bases and Directrices – Law nº. 9.394/1996 e, National Curriculum Parameters, through of transversal themes. This article about teenager's sexuality: transversal theme, try to show that sexual education at school's is still the significant way to bring adequated and corrected information to the kids and teenagers that begin their sexual lives each day earlier causing several worries and conflicts to the parents that so many times don't get to talk to their children. The used methodology was made of a literature review crossing by authors like Aquino (1997); Furlani (2003); Desidério (2010); Martinez (1998) and others beyond National Curriculum Parameters (1997) and Brazilian Education Bases and Directrices (1996). It was considered that the studying of sexuality at school is a primordial component to create conscious critical, and responsible citizens including individual and social mark. The sexual guidance was incorporated in the schools because teenagers need a special attention about sexual guidance in their lives. The National Curriculum Parameters want to form a flexible proposal of matters to guide the structure of all educational system supplying assistance to the school in the construction of curriculum planning from the social different realities. This theme, (sexual guidance) has as main subject the education to citizenship and not to constitute in new matters, but it must expand all the areas of knowledge inside of diary curriculum school as outside of it.

Key-words: sexuality, teenagers, health and transversal theme.

1 Introdução

Os pais de adolescentes enfrentam um profundo dilema em relação à educação sexual dos filhos diante das mudanças comportamentais dos jovens, principalmente, quando entre grupos de amizades, a iniciação sexual está se disseminando, cada vez mais cedo, e, sem nenhum pudor para se tornarem reconhecidos pelo grupo.

Segundo Pagnoncelli (1998, *apud* GARCIA 2013), é necessário que todos aqueles que estão envolvidos na formação de um jovem, tenham consciência das principais características e das diferentes etapas que passa um adolescente.

Os adolescentes encontram nos dias atuais leis, órgãos e instituições que os privilegiam, abordando assuntos de seus interesses, incluindo aqui a escola que junto com a família, abordam temas diversos, entre eles a sexualidade.

Os temas polêmicos da sexualidade abrangem uma compreensão ampla da realidade, demandam estudos, são fontes de reflexão e

desenvolvimento do pensamento crítico, e, portanto, exigem maior preparo dos educadores. É importante, porém, que a escola possa oferecer um espaço específico dentro de uma rotina escolar para essa finalidade (ver, neste documento, o tópico sobre trabalho com Orientação Sexual em espaço específico). Ao questionar tabus e preconceitos ligados à sexualidade e trabalhar com conhecimentos e informações que visam à promoção do bem-estar e da saúde, o trabalho de Orientação Sexual se entrelaça com objetivos e conteúdos contemplados também nos outros temas transversais (Ética, Saúde, Trabalho e Consumo, Pluralidade Cultural e Meio Ambiente). (BRASIL, PCNs,1997,p.309).

A sexualidade encontra na escola um espaço privilegiado porque foi constituído como tema transversal, dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs.), podendo ser trabalhado nas diversas disciplinas de forma heterogênea, não sendo uma matéria específica, por ser matéria cotidiana, na vida de cada pessoa, proporcionando aos jovens a possibilidade do exercício de sua sexualidade de forma responsável e prazerosa. A sexualidade está estampada diariamente na vida dos alunos, não constituindo apenas a parte biológica, mas também aspectos históricos e culturais que criam conceitos e valores.

Sexualidade é um tema difícil para muitos educadores, pois os mesmos sentem-se constrangidos ao abordar o tema por fazerem parte de uma sociedade conservadora. É imprescindível que se quebre essa barreira e se estabeleça uma relação de confiança e amizade entre educador e educando. É fundamental que o educador se conscientize de que as manifestações da sexualidade constituem-se em aspectos naturais no desenvolvimento humano. Os educadores devem estar atentos às diferentes formas de expressão dos educandos, que podem significar uma necessidade de discussão e compreensão de algum tema relacionado à sexualidade e que os mesmos não encontram espaços para uma discussão junto à família, que trata a sexualidade como tabu, algo que não pode e não deve ser comentado com os filhos. (VITAL,2011; SANTOS E PAULA, 2012).

A escola é que detém os meios pedagógicos necessários para uma boa intervenção sobre a sexualidade, pois os educandos se encontram afastados da intimidade familiar em relação aos educadores tornando assim mais livres para questionamentos que são muitas vezes reprimidos pelos pais que não se sentem a vontade ao falar do assunto com seus filhos. A escola é vista sempre como espaço de aprendizagem, descoberta de coisas novas e, não se pode deixar de lado ou excluir os assuntos da sexualidade, pois a escola tem o dever de abrir à discussão

sobre o tema sexualidade e deixar de lado os próprios preconceitos, permitindo que cada um questione e demonstre suas dúvidas, medos e conflitos.

É necessário que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema. Os professores necessitam estar em contato com suas próprias dificuldades diante do tema, com questões teóricas, leituras e discussões referentes à sexualidade e suas diferentes abordagens; preparar-se para a intervenção prática junto aos alunos e ter acesso a um espaço grupal de produção de conhecimentos a partir dessa prática, se possível contando com assessoria especializada. A formação deve ocorrer de forma continuada e sistemática [...] (BRASIL, 1999, p.303).

A revisão literária aqui estudada foi de fundamental importância, pois possibilitou uma discussão com mais detalhes sobre o tema sexualidade, permitindo uma visualização de autores com diferentes perspectivas em relação ao mesmo assunto, a sexualidade na adolescência.

Esse trabalho teve como objetivo pesquisar e identificar metodologias viáveis para trabalhar sexualidade no Ensino Fundamental I, buscando estratégias apontando propostas que possam ser agregadas ao trabalho docente introduzindo a sexualidade de forma mais simples e natural para o educando e para o educador.

Trabalhou-se aqui sobre adolescência, reconhecendo a fase pela qual todo ser humano passa na vida; sexualidade na adolescência, levando a compreender que é nesta fase que se propaga a sexualidade física e biológica; sexualidade como tema transversal, pois não é uma matéria específica de uma disciplina, mas que interage em todas as disciplinas envolvendo todos os professores e proposta pedagógica para trabalhar sexualidade nas escolas, buscando ferramentas metodológicas para se trabalhar com segurança, propiciando um aprendizado consciente e responsável sobre a sexualidade, pois o que for aprendido constituirá formação social para toda a vida do indivíduo. (ARRUDA, 2011; CASSIMIRO, 2014).

2 Adolescência

A palavra adolescência vem do latim “adolescere”, e significa crescer. Segundo a Organização Mundial da Saúde, não se pode definir com exatidão o início e o fim

da adolescência, ela varia de pessoa para pessoa, porém, na maioria dos indivíduos, ela ocorre entre 10 e 20 anos de idade.

De acordo com o artigo 2º da lei 8069 do Estatuto da Criança e do Adolescente:

Considera-se adolescente entre 12 e 18 anos de idade. É nesse período que ocorrem diversas mudanças físicas, psicológicas e comportamentais. Porém, esses dados são apenas teóricos, podendo variar de acordo com cada indivíduo. (ECA 1990, - 2010, p. 11).

Vê-se aqui que conforme o ECA cada pessoa dispõe de um organismo que é individual, com mudanças variáveis biológica e fisicamente, nunca ocorrendo de forma igual em todos os indivíduos, o que ocorre em períodos e de formas diferentes em cada indivíduo.

Alves e Rufca (2009 apud Matheus 2002, p. 8), afirma que a adolescência refere-se à passagem do universo infantil ao adulto e Lacerda (1998) comenta que a idade em que as transformações da adolescência ocorrem não é uniforme, dependem da raça, cultura, alimentação e hereditariedade do indivíduo.

Considerando as falas de Matheus (2002) e Lacerda (1998) é perceptível nos indivíduos e na sociedade em geral diferenças em todos os campos, o que engloba as mudanças pelas quais os seres humanos passam no decorrer da vida com influências diversas. Hodiernamente, a alimentação é elemento preponderante nas rápidas mudanças pelas quais os adolescentes estão passando, isto era diferente no passado, pois a alimentação era praticamente natural.

A adolescência é o período da vida em que ocorrem as transformações mais aparentes no corpo, em razão das alterações hormonais, tendo as meninas o acontecimento da primeira menstruação ou menarca, o aumento dos pelos vaginais e o crescimento dos seios e, nos meninos acontece a alteração da tonalidade da voz, o aumento dos pelos pubianos e o crescimento do pênis, que passa a ter ereção e ejaculação. Numa fase de tantas transformações, é importante que haja amizade e muito diálogo no convívio familiar e que os pais tentem amenizar os conflitos vividos, sendo mais flexíveis e compreensivos (BARROS,2009).

Percebe-se aqui que a interação e a amizade com a família vêm a ser de fundamental importância, amenizando os conflitos pelos quais o adolescente está passando nas quais as inúmeras transformações interferem no jeito de ser e no

convívio social, exigindo compreensão e flexibilidade por parte dos familiares em geral.

Conforme Lacerda (1998, *apud* Alves e Rufca, 2009, p. 8), as mudanças físicas que ocorrem com o início da adolescência, período que é denominado puberdade, são o aparecimento das características sexuais secundárias como o alongamento dos membros, o crescimento dos pelos púbicos e o aumento de acnes para ambos os sexos, para os meninos o aparecimento de pelos na face e nas axilas, o crescimento do pênis e o surgimento das ejaculações espontâneas durante a noite (poluição urbana), como o intumescimento dos seios e o início da menstruação nas meninas e o agravamento da voz com suas modulações temporárias de falsete.

Com relação a isso, Aberastury (1990, *apud* Alves e Rufca, 2009p. 9) reforça que “é de especial interesse assimilar que as meninas não mudam de voz. Este fenômeno, tão conhecido popularmente, é privativo dos homens”,

Vê-se aqui que as transformações em sua maioria diferem dos meninos para as meninas, tendo cada gênero algumas características particulares como a menstruação nas meninas e o agravamento da voz nos meninos e, outras sendo de ambos os sexos, como o aparecimento dos pelos pubianos e nas axilas, alongamento dos membros e o aparecimento das acnes. Nesta fase os adolescentes se sentem incomodados, diferentes dos outros.

Segundo a OMS, adolescência é uma etapa intermediária do desenvolvimento humano, entre a infância e a fase adulta. Este período é marcado por diversas transformações corporais, hormonais e até mesmo comportamentais. Não se pode definir com exatidão o início e o fim da adolescência (ela varia de pessoa para pessoa), porém, na maioria dos indivíduos, ela ocorre entre os 10 e 20 anos de idade (período definido pela Organização Mundial da Saúde).

2.1 Sexualidade na adolescência

Segundo Garcia (2013,) “a sexualidade não começa na adolescência, como muitos afirmam, e ou na passagem para fase adulta”.

Ainda segundo o autor, ela surge na criança nas atitudes e curiosidades infantis que exigem gratificações eróticas e afetivas.

Segundo Martinez (1998, p. 27), o sexo não se inicia quando o homem e a mulher se despem. O sexo, a sexualidade vem de muito antes: vem da fala dos pais, vem inscrito no corpo na forma de

órgãos que nem sempre bastam para determinar o futuro. Há todo um caminho cultural a ser trilhado para que o portador do órgão se complete com uma organização psíquica e uma função cultural correspondente ao seu sexo. Portanto, o sexo não está a priori formado na criança, mas a sexualidade é construída a partir de acontecimentos intersubjetivos entre pais e filhos, que conferirão a nuance fundamental da sexualidade do sujeito.

Ainda segundo o mesmo autor, (1998, p. 35), na adolescência, fatores de ordem biológica, psicológica e social estão concorrendo para a formação da identidade sexual. Fatores biológicos desencadeados pelas secreções de hormônios vão provocar alterações no corpo, desde o crescimento e desenvolvimento de características sexuais secundárias, até a maturação do aparelho reprodutor, tornando o indivíduo apto para a reprodução.

Segundo Pagnoncelli (1998, *apud* GARCIA 2013), “é necessário que todos aqueles que estão envolvidos na formação de um jovem, tenham consciência das principais características das diferentes etapas que passa um adolescente”.

Vimos que a sexualidade nos adolescentes é construída a partir do convívio familiar e social, que interferem diretamente no seu jeito de agir frente às ações e acontecimentos relacionados ao sexo e fatores biológicos e psicológicos ajudam a formar a identidade sexual dos indivíduos durante as transformações pelas quais passam o corpo do adolescente.

Para Furlani (2003), o termo Mito Sexual pode ser compreendido como o conjunto de “concepções errôneas e flácidas criadas a partir de rumores, superstições, fanatismo ou educação sexual falha”. Esta definição nos faz pensar o quão importante e indissociável está, muitas vezes, o conhecimento científico do trabalho de educação sexual, na medida em que muitos dos mitos sexuais são reforçados pela falta de informação científica básica, permitindo que o senso comum prevaleça e determine as “verdades” balizadoras das práticas sexuais dos indivíduos. (Furlani, 2003, p. 18).

Segundo Pires (2011), a sexualidade na adolescência é uma temática aliciante e complexa de abordar, mas de grande importância para estes grupos etários mais jovens. Prioritariamente há que facultar aos jovens a oportunidade de pensar na sexualidade, no que significa atuar com integridade e informa-los abertamente sobre os diversos temas: O desenvolvimento sexual, as doenças sexualmente transmissíveis, os métodos de contracepção, os mitos sexuais, a violência no namoro, entre muitos outros.

Segundo Prado (1991), a família tem um papel muito importante para o desenvolvimento psicosssexual do adolescente. Passar por todas essas transformações físicas e psicológicas que geram vários conflitos existenciais ao lado de uma família com sérios desequilíbrios comportamentais pode levar o adolescente, diante de

uma imaturidade emocional a seguir caminhos inadequados como as drogas, alcoolismo e da delinquência juvenil, que poderão comprometer gradativamente a vida emocional e o caráter deste jovem.

Percebe-se, aqui, que a família tem papel primordial na educação sexual dos adolescentes, porque é a partir da família que a sexualidade se propaga de forma correta e concreta, quando os pais desenvolvem um diálogo coerente com seus filhos, mostrando aos mesmos os percalços que uma sexualidade mal direcionada pode acarretar, interferindo no seu futuro.

3 Sexualidade como tema transversal

Sobre o tema sexualidade, os PCNs ponderam ainda que: As manifestações da sexualidade afloram em todas as faixas etárias. Ignorar, ocultar ou reprimir são respostas habituais dadas por profissionais da escola, baseados na ideia de que a sexualidade é assunto para ser lidado apenas pela família. (BRASIL, PCNs, 1997, p. 291).

Segundo os PCNs, as expressões da sexualidade, assim como a intensificação das vivências amorosas, são aspectos centrais na vida dos adolescentes. A sensualidade e a "malícia" estão presentes nos seus movimentos e gestos, nas roupas que usam na música que produzem e consomem, na produção gráfica e artística, nos esportes e no humor por eles cultivado. (BRASIL, PCNs, 1997, p.296).

Verifica-se que a sexualidade está inserida em tudo que envolve o prazer corporal do adolescente, desde o seu jeito de ser e de conviver com o outro, percebendo e fazendo ser percebido em tudo o que está a sua volta e que faz parte de sua socialização.

As questões referentes à sexualidade não se restringem ao âmbito individual. Pelo contrário, para compreender comportamentos e valores pessoais é necessário contextualizá-los social e culturalmente. É nas relações sociais que se definem, por exemplo, os padrões de relação de gênero, o que homens e mulheres podem e devem fazer por serem homens e mulheres, e, principalmente, quais são e quais deverão ser os direitos de cidadania ligados à sexualidade e à reprodução. O alto índice de gravidez indesejada na adolescência, abuso sexual e prostituição infantil, o crescimento da epidemia da AIDS, a discriminação das mulheres no mercado de trabalho, são algumas das questões sociais que demandam posicionamento em favor de transformações que garantam a todos a dignidade e a qualidade de vida, que desejamos e que estão previstas pela Constituição brasileira. (BRASIL, PCNs, 1997, p. 307).

Vê-se que os PCNs configuram a sexualidade como algo além da individualidade pessoal, ela envolve uma coletividade no que se refere a comportamentos e valores sociais e culturais que levam a transformações e à dignidade do indivíduo.

A curiosidade sexual é a principal responsável pelo despertar da aprendizagem. A curiosidade sexual e o desejo de saber se manifestam logo no início da nossa vida. É por meio deles que compreendemos de onde e como viemos ao mundo e isso nos leva a querer entender como é que funciona e o que é o resto das “coisas” do mundo. Assim começamos a conhecer e a pensar. Quando podemos levantar hipóteses, unir as ideias, construir teorias, podemos pensar. Quando podemos pensar, podemos conhecer e estabelecer relações afetivas. Os vínculos afetivos também são ligações que resultam do desejo de saber e de conhecer o outro. [...] A sexualidade se manifesta ao longo de toda nossa vida. Suas manifestações estão presentes nas conversas, brincadeiras, jogos, relacionamentos e dramatizações em grupo ou individuais. A sexualidade está presente nos momentos em que o sujeito está interagindo afetivamente com outro ou outros e quando está isolado, só ou em momentos reflexivos. (Silva 2007, p. 18).

Conforme Silva, a sexualidade se aprende e propaga desde o primeiro momento que desejamos saber sobre nós e o mundo a nossa volta, questionando sempre as relações e as afetividades com as quais nos envolvemos e as interações que mantemos com o outro.

Assim, como indicam inúmeras experiências pedagógicas, a abordagem da sexualidade no âmbito da educação precisa ser clara, para que seja tratada de forma simples e direta; ampla, para não reduzir sua complexidade; flexível, para permitir o atendimento a conteúdos e situações diversas; e sistemática, para possibilitar aprendizagem e desenvolvimento crescentes. (BRASIL, PCNs, 2007, p.307).

Vê-se aqui que o tema sexualidade precisa ser trabalhado pelos educadores de forma clara e objetiva de maneira que os educandos compreendam e sejam levados a interagirem, questionarem e se posicionarem em relação ao assunto.

A educação sexual, que no terreno do MEC e de outras comunidades aparece incluída na educação para a saúde (educação para a saúde e sexualidade) e, portanto, suscetível de cair num enfoque sanitário empobrecedor, vem denominada como educação afetivo sexual na Comunidade Autônoma Canária, sendo abordada de forma independente da educação para a saúde, pretendendo significar com isso que essa temática não apenas aborda a dimensão sexual, como a afetiva, mas relações interpessoais, ampliando assim seu domínio conceitual. Por outro lado, a educação para a igualdade é entendida

no MEC como educação para a igualdade de oportunidades, incluindo nela a coeducação como educação para a igualdade entre os sexos, mas não excluindo a igualdade por outras razões, como as do tipo étnico ou cultural. Em outras comunidades, como na do País Basco, esse âmbito é diferenciado como coeducação (ou educação para a igualdade entre os sexos), e a educação para a igualdade por outras razões englobada no que denominam educação para os direitos humanos, ampliando o âmbito da tolerância em nossa sociedade para uma dimensão internacional ou uma dimensão de tolerância entre diferentes culturas dentro de um mesmo país, o que se conhece especificamente como educação intercultural. (YUS1998, p.31).

Essa tendência de “transversalizar o transversal” é comum a muitos dos temas transversais, revelando com isso uma evolução desses num sentido de complexidade crescente. Realmente: o panorama atual da trama conceitual dos temas transversais está muito longe do de suas origens. Como Assinalou Celório (1992), esses temas foram evoluindo com o tempo e se interessando cada vez mais por questões globais, gerando nesses temas um certo afã de assimilação do resto das linhas, recolhendo as valiosas contribuições que cada uma delas faz em sua dupla tentativa de transformação social e educativa. (YUS 1998, p. 37).

Percebe-se aqui que os temas transversais devem incluir todos os assuntos pertinentes à vida biológica e social em que as pessoas encontram inseridas, para facilitar sua interação com o meio e com as diferentes culturas envolvidas, a partir de uma educação esclarecedora, tirando do foco principal a saúde e a anatomia humana, levando os educandos a respeitarem as opiniões e escolhas do outro, neste caso, valorizando as diferentes culturas.

4 Proposta pedagógica para trabalhar sexualidade na escola

Segundo Simonetti (1994 *apud* DESIDÉRIO, 2010, p.26), apesar de saber que a Educação Sexual pode ajudar a reduzir o índice de gravidez na adolescência e auxiliar na prevenção de DST, é de especial importância levar os educadores a entender que o conhecimento do próprio corpo e da sexualidade faz parte de todo trabalho nas escolas, além de ser um direito de toda a criança e adolescente. (DESIDÉRIO, 2010, p. 26).

Percebe-se que a educação sexual está para além do conhecimento do corpo, passa, porém por vários processos que envolvem a pessoa individualmente e a relação interpessoal, na sociedade em que ela se encontra inserida, vivenciando seus anseios e prazeres.

A educação sexual considerada por muitos professores como um desafio, exige, além do conhecimento, um comprometimento que

complete aspectos mais amplos e sedimentados através da reflexão, e não apenas informações/orientações sobre aspectos biológicos.(DESIDÉRIO, 2010, p.27),

Ainda segundo o mesmo autor, “a sexualidade, no universo escolar, é um tópico polêmico, considerando a multiplicidade de visões, crenças e valores dos diversos atores (alunos, pais, professores e diretores, entre outros)”. (p.34).

Vê-se aqui a importância de o educador se posicionar frente aos educandos para que os mesmos insiram em seu aprendizado conhecimentos primordiais em relação à sexualidade de forma geral, eliminando aos poucos as polêmicas os falsos conhecimentos adquiridos extramuros escolares para a partir daí internalizar os novos conhecimentos.

A sexualidade é primeiramente abordada no espaço privado, por meio das relações familiares. Assim, de forma explícita ou implícita, são transmitidos os valores que cada família adota como seus e espera que as crianças e os adolescentes assumam. (BRASIL, PCNs, 1997, p. 299).

De forma diferente, cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a construir um ponto de auto referência por meio da reflexão. Nesse sentido, o trabalho realizado pela escola, denominado aqui Orientação Sexual, não substitui nem concorre com a função da família, mas a complementa. Constitui um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação. (BRASIL, PCNs, 1997, p. 299).

Quando a questão da sexualidade é tomada como algo sério a ser esclarecido, compreendido e estudado, tende a modificar a relação agitada dos adolescentes com o tema. Vão perdendo progressivamente sentido os desenhos de órgãos genitais nas carteiras, paredes e banheiros da escola, como atitudes provocativas e exibicionistas de sensualidade exacerbada ou as tentativas de escandalizar os adultos. (BRASIL, PCNs, 1997, p. 301).

Na escola, a sala de aula representa um espaço onde diferentes aspectos que configuram a cultura estão presentes: valores, interesses, ideologias, costumes, crenças, atitudes, tipos de organização familiar, econômica e social, como também diferentes padrões de comportamento sexual. Desse modo, a sala de aula passa a ser um ambiente cultural onde encontramos tensões, contradições e conflitos. (AQUINO, 1997, p.93).

Percebe-se que os indivíduos recebem as primeiras informações sobre a sexualidade no seio das famílias, onde cada uma insere seus valores e os comportamentos sexuais esperados. A escola passa a ser mediadora desse tema

levando o educando a construir suas referências através das interações com os professores e outros colegas, por meio da troca de conhecimentos, esclarecendo e proporcionando um amadurecimento no que diz respeito à sexualidade, levando em consideração as diferenças existentes em vários aspectos.

Dada a sua organização e estrutura, a escola, como instituição social, tende a homogeneizar esses aspectos múltiplos da cultura na sala de aula, ignorando-os, reprimindo-os ou “engessando” as diferenças e contradições. Nesse contexto, a liberdade como uma dimensão da sexualidade, não encontra condições para emergir e se expressar. A resignificação da sexualidade só será possível se a própria sala de aula for resignificada, passando a se constituir como um espaço realmente democrático, onde as opiniões, incertezas, divergências e diferenças forem consideradas, discutidas, e, quando possível, superadas. (AQUINO, 1997, p.93).

Os eventuais temas referentes à sexualidade que podem ser abordados durante as aulas devem eventualmente surgir a partir do interesse e do cotidiano dos alunos. Esses temas geralmente variam conforme a faixa etária, o grau de escolarização e o nível socioeconômico do grupo. É de esperar que qualquer assunto que venha a ser abordado, por exemplo, a gravidez na adolescência, possa propiciar desdobramentos outros, gerando interesse e motivação para discutir, entre outras coisas, temas como: puberdade, virgindade, ciclo menstrual, métodos contraceptivos, desejo, prazer, amor, sedução, casamento, homossexualidade, “produção independente”, abuso e violência sexuais, aborto, DSTs (doenças sexualmente transmissíveis), AIDS, uso de drogas injetáveis, prostituição. [...] Todos esses temas demonstram a complexidade de fatores e aspectos que estão interligados e que influem sobre a sexualidade humana. Portanto, somente informações e orientações a respeito da anatomia e fisiologia do aparelho reprodutor, muito embora sejam necessárias, não são suficientes para que possamos compreender a problematização que envolve um determinado tópico da “biologia sexual”. Assim, a partir de um tema amplo, delimitado e envolvido por aspectos culturais, pode-se buscar o conhecimento, o entendimento e a compreensão dos aspectos biológicos da sexualidade humana. (AQUINO, 1997, p.94).

A educação sexual, como um processo social no âmbito escolar, poderá ser considerada como um processo de transformação e mudança, que parte de um projeto coletivo e atinge os indivíduos, cada qual com sua busca particular dos sentidos da sexualidade. [...] A sala de aula pode ser uma espécie de laboratório de possibilidades de expressão da liberdade, permitindo que os alunos pensem e reflitam sobre si próprios. Essa atitude crítica promove a autonomia pessoal com confiança e autoestima, qualidades fundamentais para traduzir e transformar a decisão em ação. A tomada de decisão passa por uma dimensão ética: a liberdade de agir para dar sentido à sexualidade não pode interferir na liberdade e na resignificação da sexualidade do outro. (AQUINO, 1997, p. 95).

Vê-se aqui que a escola deve abordar a sexualidade de forma clara, onde muitas vezes é reprimido, considerando o interesse dos alunos e, a partir desse interesse motivar discussões abrangendo vários assuntos relacionados ao tema, conforme a complexidade que envolva a compreensão e o entendimento dos alunos envolvidos, fazendo um processo de mudança nesses indivíduos, possibilitando a eles reflexão crítica, autonomia e liberdade sem interferir na sexualidade do outro.

A construção de uma sociedade mais justa e solidária, com pleno desenvolvimento e exercício da cidadania, exige a participação de todas as pessoas que fazem a escola. Faz-se assim necessário ampliar o processo de construção sociocultural e educacional do espaço pedagógico, com vistas a atender às demandas em educação para o século XXI. (MINAS GERAIS, 2001, p. 11).

A sexualidade é a essência da vida humana, envolvendo o conjunto de características biológicas, psicológicas e socioculturais que nos permitem compreender o mundo e viver-lo através do nosso corpo de uma forma saudável e prazerosa. (MINAS GERAIS, 2001, p. 12).

Compreende-se aqui que o envolvimento de todas as pessoas que fazem parte da escola é de fundamental importância para que o processo de aprendizagem se concretize, principalmente quando se fala em sexualidade, que envolve sentimentos, emoções e afetos.

Segundo RIBEIRO (2000), a Educação Sexual na escola deve se dar no âmbito pedagógico, não tendo, portanto, um caráter terapêutico. O trabalho deve ser compreendido como um espaço para que, através de dinâmicas, possamos problematizar temáticas, levantar questionamentos e ampliar a visão de mundo e de conhecimento. A escola deve discutir os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes na nossa sociedade, relacionados à sexualidade. Isso, sem ditar normas de “certo” ou “errado”, o que “deve” ou “não deve” fazer ou impor os seus valores, acreditando que é melhor para o seu aluno – o que pode não ser! O papel do professor é ser mais um “dinizador de ideias” do que um “expositor da matéria”.

Ainda segundo RIBEIRO, a educação sexual será importante para que, nossas crianças e adolescentes, no futuro, tenham mais responsabilidades em relação à vida sexual, menos preconceito nas relações sociais, mais informadas sobre o corpo e a sexualidade e com escolhas mais acertadas e atitudes preventivas. O trabalho de educação sexual é integrado às atividades diárias: situações como histórias, na abordagem dos conteúdos no cotidiano da sala de aula, nos jogos e brincadeiras ou nas diversas situações que se apresentam e podem ser aproveitadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término dessa pesquisa percebe-se que muitas dúvidas pairam em nossas cabeças, sobre como trabalhar a sexualidade com adolescentes na escola, pois muitas vezes encontramos divergências de pensamentos que incluem religiosidade, cultura, situação econômica, entre outros, tornando o tema muito mais complexo.

Na escola, a sexualidade, de forma direta ou indireta faz parte do seu cotidiano através das manifestações de carinho, nas curiosidades sobre seu corpo e o do outro, nas piadas e brincadeiras, nos namoros escondidos, nos desenhos e palavras rabiscadas em carteiras e paredes da escola e nas marcas de violência sexual nos corpos das crianças e adolescentes.

O espaço escolar deve possibilitar discussões sobre a sexualidade possibilitando a socialização e a convivência harmoniosa entre as crianças, levantando questionamentos e proporcionando debates e conversas sobre suas dúvidas de forma clara e consciente, interagindo consigo e com o outro.

Percebe-se ainda que nas práticas pedagógicas, a sexualidade foca principalmente no biológico nas salas de aula e quando a escola realiza atividades diferenciadas, estas sempre estão voltadas para palestras realizadas por profissionais da área da saúde, o que não é suficiente para esclarecer as dúvidas sobre a sexualidade e suas manifestações no dia a dia das crianças e dos adolescentes.

Não podemos negar informações e ou deixar sem respostas os questionamentos feitos pelos educandos, pois a escola é um espaço de aprendizado que se concretiza através da troca de informações e experiências, concorrendo para um aprendizado integral dos indivíduos que aplicam esse aprendizado em suas vidas na sociedade.

É importante que o(a) professor (a) esteja disponível para conversar sobre o assunto com seus alunos, dando significado a sexualidade como um todo. Sabendo que por sua complexidade é um desafio a ser superado, como elemento fundamental para a formação integral dos cidadãos.

REFERÊNCIAS

ALVES. F.G;Rufca,K.N. **Sexualidade na Escola: Definições e Propostas para uma Intervenção no Ensino Fundamental**. 2009. 67 f. Monografia. Universidade Presbiteriana Mackenzie, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde. São Paulo. 2009

AQUINO, JULIO GROPO (Org.) **Sexualidade na escola Alternativas Teóricas e Práticas**. 5ª ed. São Paulo: Summus. 1997. 145 p.

Arruda Silvani, Ricardo C. et al. **Adolescentes, jovens e educação em sexualidade** Um guia para ação. Rio de Janeiro. PROMUNDO/FORDFFOUNDATION. 2011. 74 p.

BARROS, J. **Adolescência**. Equipe Brasil Escola. 2009 Disponível em: <http://www.brasilecola.com/educacao/periodo-de-transformacoes.htm>. Acesso em: 14 set. 2014. Às 16h40min.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente (1990)**.7. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010. 225 p.

BRASIL. Ministério da Educação e da Saúde. **Sexualidade e Saúde Reprodutiva**. Saúde e Prevenção nas Escolas - Brasília 1999, v.1. 64 p.

BRASIL Secretaria de Assuntos Educacionais. **LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília. 102 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: temas transversais: orientação sexual. 1ª ed. Rio de Janeiro 1997.

CASSIMIRO, P. R. **Orientação sexual**. InfoEscola. Disponível em: <http://www.infoescola.co/sexualidade/orientação-sexual/>. Acesso em: 17 out 2014 às 18h07min.

DESIDÉRIO, Ricardo. **Quando a conversa sobre sexo chega à escola**. Rio de Janeiro. E-paperes, 2010. 114 p.

FURLANI J. **Mitos e Tabus da Sexualidade Humana**. 2ª ed. Belo Horizonte. 2003. 196 p.

GARCIA Suruapi Jorge.**Sexualidade na Adolescência**,2013. Disponível em psicnet.psc.br/v2/site/temas/temas_default.asp?ID=1238: Acesso em: 14/10/2014 às 17h25min.

MARTINEZ, M.C.W. **Adolescência, sexualidade, AIDS: na família e no espaço escolar contemporâneos**. São Paulo: Arte & Ciência, 1998.159 p.

MINAS GERAIS/ FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO. **Sexualidade Prazer em Conhecer**. 2001. 36 p.

OMS. **Adolescência**. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com>. Acesso em: 17 set. 2014, às 17h21min.

PAULA, J. ASSIS de; SANTOS, L. MEDEIROS dos. **Sexualidade na Escola: a necessidade de superar tabus**. Instituto Salus. 22 jan. 2012. Disponível em: <http://www.institutosalus.com/artigos/educacao/sexualidade-na-escola-a-necessidade-de-superar-tabus>. Acesso em: 14 set. 2014 às 17h45min.

PIRES, M. do R.R. Sexualidade na adolescência. **Revista Online do Centro de formação de Professores do Nordeste alentejano**. Porto Alegre. n. 2 Disponível em: http://cefopna.edu.pt/revista/revista_02/es_07_02.htm. Acesso em: 14 out. 2014 às 18h28min.

PRADO, S. **Sexualidade na Adolescência**. Disponível em: <http://www.sexoemocoos.com.br/index.php/sexualidade-na-infancia-e-adolescencia/91>. Acesso em: 14 out. 2014.às15h54min.

RIBEIRO,L.E.G. **Sexualidade: Qual o Papel da Escola?** Disponível em: <http://www.cnte.org.br/index.php/secretaria-de-relacoes-de-enero/artigos/2945-sexualidade-qual-o-papel-da-escola>. Acesso em: 14 set. 2014. Às 17:00hs.

RIBEIRO, Marcos. **Educação Sexual e Metodologia**. Disponível em: http://www.adolescencia.org.br/upl/ckfinder/files/pdf/Educa%C3%A7%C3%A3o%20Sexual_Marcos%20Ribeiro.pdf. Acesso em: 01 de out. 2014 às 09h25min.

SÁ. C. A. M.; PASSOS, M. R. L.; KALIL, R.S. **Sexualidade Humana**. Rio de Janeiro. Revinter. 2000. 179 p.

SILVA, M.C. PEREIRA da.(Org.) **Sexualidade Começa na Infância**. São Paulo. 1ª Ed. Casa do Psicólogo 2007.250 p.

SITE: VIVENDO A ADOLESCENCIA. **Adolescência: Fase da Vida? Faixa Etária? Construção Social? Afinal o Que é Adolescência?** Disponível em: <http://www.adolescencia.org.br/site-pt-br/adolescencia>. Acesso em: 14 set. 2014 às 16h30min.

VITAL, M. JAIME. **Sexualidade na Escola**. Vitória. Publicado em 26 ago. 2011. Acesso em: 27 ago. 2014. Às 17h05min.

Yus, Rafael, **Temas Transversais Em Busca de Uma Nova Escola**. Porto Alegre. ArtMed 1998 241 p.